

Sarney, de novo, está cheio de dúvidas

A reforma administrativa ampla e profunda, anunciada pelo presidente José Sarney e aguardada por toda a sociedade, corre o risco de se transformar numa simples arrumação dos móveis. "A montanha, outra vez, pode parir um rato".

Essa opção, para algumas pessoas mais próximas ao Presidente da República, representa o melhor caminho que ele pode tomar. O argumento é de que, restando-lhe apenas um ano de Governo, não há porque se desgastar politicamente.

E se adiciona um raciocínio, complementar a este: um corte muito fundo na estrutura do Governo, uma reforma ministerial na

amplitude em que se anuncia, ao contrário de reforçar, psicologicamente, o combate à inflação, se constituirá num freio às medidas de ajuste econômico, em função do tempo necessário à adaptação do novo ministério. Essa tese seria originária da própria casa do Presidente.

Se para alguns palacianos essa é a opção acertada, para outros é uma possibilidade desastrosa. Os ministros conselheiros do Presidente da República, e a maioria de seus assessores esperam que ele cumpra o que anunciou: uma reforma administrativa séria.

O problema é que as últimas atitudes do presidente José Sarney

repetem o processo que, em outras oportunidades, levaram-no a recuar de decisões já praticamente tomadas. O temor no palácio é grande, de que a reforma administrativa se escoe pelo ralo da indecisão do Presidente.

E os indícios de que isso pode acontecer são fortes: primeiro, o atraso no anúncio da reforma; depois, a ampliação do círculo de consultas; por fim, a decisão de levar a reformulação do ministério à apreciação dos dirigentes do pacto social.

O presidente José Sarney deixou Brasília antes do Natal, dizendo que voltaria da ilha de Curupu com uma reforma administrativa

profunda, já definida.

Sarney retornou no primeiro dia do ano de 1989, isolando-se na fazenda de São José do Pericumã e no Palácio da Alvorada. Como interlocutores, os "ministros da casa" e alguns poucos privilegiados. Era um bom sinal. No palácio, a expectativa era de uma reforma tão grande quanto o sigilo que a envolvia.

Agora, o Presidente anuncia a disposição de "abrir o leque de consultas". O presidente José Sarney, para desespero de alguns assessores, está sendo coerente com a sua história na chefia do Governo. (Celso Franco).



Mino Pedrosa

O Presidente deve receber, hoje, Celso Furtado e Reis Veloso

Ampliação de consultas atrasa reforma

O presidente José Sarney decidiu ampliar o círculo das consultas sobre a reforma administrativa e ainda sobre as medidas de ajuste econômico e resolveu submetê-las aos dirigentes do pacto social, que se reúnem no próximo dia 18.

Sarney, que vem conversando, faz algum tempo, com os ex-ministros Octávio Gouveia de Bulhões e Mário Henrique Simonsen, recebeu ontem, no Palácio da Alvorada, o ex-ministro João Sayad,

com quem conversou longamente sobre a reforma administrativa e sobre as medidas de ajuste da economia. O governo tem ouvido também o empresário Antônio Ermírio.

Segundo o porta-voz do Palácio do Planalto, Carlos Henrique Santos, o Presidente está também trazendo para a discussão os ex-ministros Celso Furtado e Reis Velloso, devendo receber os dois hoje.

O Presidente, de acordo com Carlos Henrique, "está num processo de consultas, ouvindo sugestões, recolhendo propostas e pareceres" sobre as medidas que pretende adotar, de enxugamento da máquina administrativa e de combate à inflação.

Sarney, continuou Carlos Henrique, "está com as idéias centrais da reforma e das medidas econômicas amadurecidas". Mas, ao mesmo tempo, "está procurando aper-

feiçoar, oferecendo a essas pessoas a oportunidade de dar sugestões".

Quanto ao adiamento do anúncio das medidas e à decisão de levar também a reforma administrativa ao pacto social, Carlos Henrique disse, que "o pacto e o Congresso são instâncias fundamentais, (C.F.)

(Mais informações sobre a reforma e novas medidas econômicas na Página 5)